

Professor, como vai a literatura infanto-juvenil digit@l na escola?

**Lucas Emanuel Vilarinho Miranda¹
Diógenes Buenos Aires de Carvalho²**

Resumo:

Em observação à literatura infanto-juvenil e o ensino contemporâneo, o presente trabalho objetiva trazer aos professores um esclarecimento sobre o que seja a literatura infanto-juvenil digital, além de expor algumas possibilidades de como o docente pode trazer aos alunos oportunidades de contato com a literatura digital. Para efetivar essa discussão o presente trabalho se utiliza da pesquisa bibliográfica como método de construção do trabalho. A fim de discutir com clareza a temática buscamos os textos de Burlamaque & Rettenmaier (2016), Goncalves (2012), Kirchof (2013), Amorim (2008), Cândido (1980), Passos (2008), Irineu (2013), entre outros que abordam a temática.

Palavras-chave: Literatura Infantil e juvenil digital. Escola. Professores.

Teacher, how is digit@l children's and youth literature in school doing?

Abstract:

In observation to children's literature and contemporary teaching, the present work aims to provide teachers with a clarification as to what is children's digital literature, in addition to exposing some possibilities of how the teacher can provide students with opportunities for getting in touch with digital literature. To carry out this discussion, the present work makes use bibliographical research as a method of construction of the work. In order to discuss the subject clearly, we sought texts by Burlamaque&Rettenmaier (2016), Goncalves (2012), Kirchof (2013), Amorim (2008), Cândido (1980), Passos (2008), Irineu (2013), among others that approach the subject.

Keywords: Children's and Youth digital literature. School. Teachers.

Considerações iniciais

¹ Graduado em Letras Português pela UESPI e mestrando em Literatura pela UFPI.

² Possui graduação em Letras/Português pela Universidade Estadual do Piauí (1994), Especialização em Leitura e Produção de Textos pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1997), Mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001) e Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2006). Realiza estágio de Pós-Doutorado (PNPD/CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - RS. Professor Adjunto II da Universidade Estadual do Piauí, atuando na Graduação em Letras e no Mestrado Acadêmico em Letras.

Textura	Canoas	v. 20 n. 43	p.239-260	maio/ago 2018
---------	--------	-------------	-----------	---------------

A leitura é um dos processos mais fundamentais dentro de uma sociedade gráfica como a atual. Em se tratando de leitura de forma geral, a contemporaneidade tem ampliado as possibilidades de escrita e leitura, e, nesse mesmo sentido, podemos ver a literatura aderindo aos novos formatos e suportes da tecnologia que dão novas possibilidades ao que é literário. Nesse sentido, compreendemos que atenção especial deve ser voltada ao docente para que o mesmo compreenda o processo a fim de poder melhor mediá-lo.

As formas de fazer literatura são diversas, e as de compreender e recepcioná-la, tão diversas quanto. Há de se destacar a narrativa na literatura infantil e juvenil contemporânea, que tem mantido um diálogo constante com as vivências juvenis hodiernas, bem como com um importante papel na formação de uma nova geração de leitores.

Considerando então os novos leitores, a literatura infantil e juvenil digital que tem sido produzida, está sendo planejada e criada para estar cada vez mais sintonia com os desejos e vivências de seu público, e quanto a esses aspectos o docente deve estar atento para não perder as oportunidades de ampliar as possibilidades de mediação da leitura de literatura na contemporaneidade.

Esse diálogo contemporâneo se refere à nova roupagem, à estética, aos suportes, ao meio, enfim, a todo o conjunto que tem contribuído de forma eficaz com a proximidade do leitor com o livro, contribuído ainda com o crescimento da cibercultura e da literatura eletrônica de uma forma geral, consoante os pressupostos de Burlamaque & Rettenmaier (2016), Goncalves (2012), Santos (2013), Amorim (2008), Cândido (1980), Passos (2008), Irineu (2013), entre outros.

O Despertar da Consciência do Digital na Escola

A escola contemporânea tem entendido o valor da literatura frente ao importante valor da leitura. Os recursos e suportes atuais têm mudado os formatos de leitura; logo, entendê-los e mediá-los da forma adequada é papel da escola, que tem criado cada vez mais estratégias para incentivar a leitura.

Desse modo, consideramos basilar neste trabalho a afirmação de (FEBA, 2012, p.2) que destaca: “Atualmente, está diante do leitor uma resolução distinta daquela do livro manuscrito ou impresso: é a do texto na tela do

computador”. Assim, podemos observar que tem ocorrido um processo de virtualização do livro. A adaptação das letras para o formato digital tem um significativo papel nessa nova geração: propagar a leitura indistintamente e em larga escala com muitas possibilidades. Nesse sentido, Burlamaque & Rettenmaier (2016, p.7) explicam:

A ecologia das mídias associa de forma tanto complexa quanto transformadora as tecnologias de informação e comunicação (TICs) a toda e qualquer forma de expressão e de manutenção de protocolos, valores e práticas das distintas e variáveis comunidades culturais. A nova ecologia viabilizada pelas TICs incorpora uma nova forma de viver, em ambientes expandidos, em relações ubíquas, desestabilizantes de noções precisas de tempo e espaço. Na sociedade midiaticizada, novas questões surgem, novas articulações se fazem promessa e hipótese, já que o próprio presente se projeta para o futuro. A mediação, segundo Santaella, nessa sociedade, conduz à pluralidade de signos de toda natureza, visuais, verbais, sonoros, em constante mixagem e mistura; já as formas das mídias, em uma sociedade hipercomplexa, operam nessa pluralidade, que exige um leitor consciente e suficientemente preparado para os dilemas da hipersociabilidade e munido de potencialidade para ler e entender um mundo aumentado. Nesse mundo, a arte desdobra-se, transforma-se, mutila-se, ressurgue renovada. A literatura, por si, também se expande.

A escola tem compreendido que as mídias e as tecnologias estão aí postas como possibilidades de ampliação do trabalho com a leitura. A questão tempo/espaço, é valorada pela nova visão de leitura escolar. Nela, há uma apreciação dos mais diversos aspectos da leitura contemporânea, a saber, a imagem, a materialidade e as possibilidades do livro contemporâneo. O “futuro” já é presente na leitura, desse modo, o formato de ler e conduzir o processo de leitura está bastante ampliado nas possibilidades estéticas do hoje, seja pela tecnologia, ou pelas rupturas com o comum.

Sempre que se fala em literatura infanto-juvenil, seja ela com abordagens digitais ou não, teoriza-se bastante na crítica literária, abrem-se questões sobre a metodologia, estética, mas sob nosso olhar ainda falta atenção especial aos docentes. Atenção no sentido de explicar, aos professores da educação básica, o que é essa atual literatura infanto-juvenil digital e como levá-la para dentro da escola.

São diversas e inegáveis as transformações que a literatura digital tem promovido, tanto na produção quanto na recepção; logo, os docentes que estão

no campo de batalha da mediação devem ser inseridos nessa discussão para que ela se torne prática. Compreendemos, pois, que os docentes são mediadores e que os mesmos conduzem o processo, abrem as portas das experiências para os alunos, mas para que o façam é necessário que tenham objetivos definidos quanto a essa experiência, para assim poderem refletir e passar adiante os conhecimentos, em uma mediação eficaz.

É sabido que a teoria é fundamental para que se compreenda o processo como um todo. É importante que haja discussões que apresentem os novos aplicativos e novas possibilidades que têm surgido na literatura infanto-juvenil digital e como essas novas possibilidades trazem para os docentes novos desafios.

Todas essas discussões são importantes e fundamentais, mas acredito que, na escola, por meio de experiências com crianças e jovens é que a literatura infanto-juvenil digital se efetiva. Mais ainda, entendo que é mirando no docente que podemos alcançar melhores resultados com os alunos. É fulcral que esse profissional mediador esteja inteirado do que acontece no meio literário em relação às produções contemporâneas.

Nesse sentido, o presente texto se apresenta como uma possibilidade de contextualizar o docente nesse novo ecossistema digital da literatura. As discussões sobre o digital, o virtual, o ciberespaço, a WEB 2.0 e a tecnologia de forma geral têm sido constantes, mas é preciso destacar que ainda há muita não utilização dessas discussões. O que nos parece é que existe teoria suficiente sobre esses conhecimentos, e que por meio delas os docentes podem compreender a situação atual, todavia, a leitura docente sobre o tema parece estar na contramão.

Tem ocorrido uma visível evolução e grande atualização das formas, estruturas e formatos da literatura e, conseqüentemente, do leitor; surge, então, a necessidade de um docente mediador cada vez mais competente para possibilitar as devidas apresentações e localizações do leitor nesse novo contexto. Na atual situação social, em relação às inovações tecnológicas no mundo da leitura, o novo do hiper, do multi, associado ao tecnológico e à escola, tem fundamental papel nesse momento. Essa importância se dá quanto a possibilidade de oferecer uma mediação que esteja em consonância com o contexto escolar dos alunos, isto repensando o ensino por meio de uma eficaz ação, que privilegie a leitura fortalecendo a educação. Quanto a esses aspectos Gonçalves (2012, p. 17) afirma que:

A formação do leitor de literatura é uma das incumbências da escola contemporânea. Em que pese os acirrados debates sobre o papel dela na formação de nossos cidadãos, poucos são refratários à ideia de que a literatura exerce influência positiva na vida de nossas crianças e de nossos jovens. Na esfera da escola, esse assunto ganha contornos mais definidos, uma vez que a leitura literária se converte em componente curricular.

A escola não deve ser a única via de acesso à leitura de literatura, mas é dela a principal responsabilidade no processo de formação de leitores, responsabilidade que é planejada para o social de forma institucionalizada. O poder que a escola tem em relação ao processo de leitura é ímpar, e por meio de sua experimentação, oferecida aos alunos, a realidade de apreciação da leitura em novos suportes pode ser redimensionada.

Os mesmos podem sim socialmente ser envolvidos e levados a refletir sobre temáticas gerais, como os valores morais de determinado grupo social. Entretanto, o objetivo da literatura não pode ser apenas uma análise para um exercício de interpretação, ou mesmo para melhoramento das capacidades orais de um aluno. A literatura realiza o ser. Desse modo:

Discutir a questão do ensino da literatura diante desse contexto complexo e dinâmico é certamente uma tarefa difícil, que não pode ser levada a cabo de forma ampla e realmente profunda em um breve ensaio. Tanto projetos de bibliotecas digitais gratuitas quanto as iniciativas e práticas de grandes corporações comerciais e de mídia interferem e modificam os modos como lemos e interpretamos textos literários hoje, o que evidentemente acaba tendo consequências também para aquilo que se faz dentro da escola (KIRCHOF, 2013, p. 17).

A escola tem a oportunidade de possibilitar, aos alunos, e à sociedade contatos com a literatura. Essa oportunidade que a escola tem de trazer a literatura à sociedade dá abertura para um momento de reflexão da mesma enquanto sociedade, para se conhecer melhor, para refletir. Destaca-se, então, que não é uma simples ação. Antes, ela é complexa e laboriosa.

Existe, sim, a influência que vem da sociedade para com a escola, por meio das realidades sociais que diretamente produzem mudanças na escola. A escola, em resposta, influencia a sociedade. Nesse processo, vê-se realçar a importância do mediador:

Devemos contemplar alguns cenários futuros, que passam pela necessidade de formar mediadores que saibam aproveitar esses

novos fenômenos e ajudar, assim, a uma nova convergência, não das já indicadas por Jenkins: a convergência entre a cultura escolar e a cultura acadêmica clássica, ao que Chartier chama de “cultura letrada” (sem seus aspectos mais positivos, não os simplesmente doutrinários ou normativos), com esse mundo “selvático” da internet, de maneira que se possam converter telas em cenários de “novas práticas letradas”, com um novo espírito de participação, liberação do conhecimento, etc., próprio dessa nova era digital a que alguns chamam de “inteligência coletiva” (GARCÍA, 2010, p. 32).

Entendemos que o conhecimento na era atual tem sido ressignificado por meio da atuação do mediador, pois esse profissional, se munido da capacitação adequada, pode realizar ações que ampliem as possibilidades de percepção do alunado de forma que a realidade dos mesmos seja valorizada e o conhecimento seja possibilitado de forma eficaz. Sobre esse aspecto, Kirchof (2013, p.19) explica:

Para o professor de literatura, talvez o principal desafio diante desse novo cenário que se configura seja trabalhar com alunos que, cada vez mais, farão parte desse público já formado, de certa maneira, pela pedagogia da mídia acerca do que é a experiência literária. Uma das principais características desse público é o fato de conhecer as obras através de animações, adaptações filmicas e televisivas, sem haver mantido necessariamente contato com o texto verbal.

É sabido que a escola tem se achado em meio a um fogo cruzado em relação à disputa de atenção com as mídias, com os meios digitais e com os suportes tecnológicos, mas uma estratégia nesses tempos é não lutar contra, e sim utilizar-se do que pode lhe fortalecer naquilo que parece ser o problema. Por meio do docente, a escola precisa trazer o público para perto da leitura de literatura, considerando as mídias e não as descartando ou lutando contra as mesmas.

Não falta discussão sobre o tema. Falta experiência da prática por meio dos docentes. Os docentes necessitam de mais leitura de teorias instrucionais, tais como se fossem livros didáticos, que lhes apresentem possibilidades metodológicas de viabilizarem aos alunos leituras de obras de literatura infanto-juvenis digitais.

As escolas possuem laboratórios de internet com menos da metade da capacidade de uma turma da escola, e ainda aparelhos sem manutenção. Destacamos também o serviço de internet de qualidade inferior à necessária

para a realização de atividades que envolvam a leitura de literatura infanto-juvenil digital. Já é sabido que são muitas as inovações e que elas precisam ser discutidas; nesse sentido, Amorim (2008, p. 87) explica:

Abordamos, desta forma, aspectos como mudanças ocasionadas pela tecnologia; o hipertexto como uma realidade em nosso meio; as diferenças entre textos impressos e hipertextos eletrônicos; como também pesquisas que retratam as diferenças entre esta modalidade de leitura. É um novo mundo realmente fascinante, que se descortina gradualmente. Então leiamos cada vez mais!

Diante da exposição da autora, vamos percebendo que o advento da literatura digital e dos suportes já não é um tema tabu que gera susto, é um tema corriqueiro, mas que ainda está somente no campo da teoria nas escolas. Então, como trazê-lo para a prática? Ampliando o conhecimento e metodologias dos docentes. Falta discussão, falta aplicação, falta o empirismo.

A escola está despertando para a necessidade de se atualizar mediante os avanços tecnológicos. Os professores, em grande parte, têm consciência de que há uma necessidade de se adaptar ao meio para que o ensino se efetive. O ensino tem que ser casado com a vivência dos alunos. A sociedade atual é tecnológica, e a literatura tem se adaptado a essas mudanças, cabe agora à escola promover essa adaptação no ensino, pois entendemos que a literatura possui estreita relação com a sociedade quanto à representação.

Diante da multiplicidade que há na sociedade, a literatura, que pode representá-la, apresenta também grande diversidade. Quanto a esses aspectos, Antônio Cândido destaca alguns tipos de relações entre literatura e sociedade, ao dizer:

Um primeiro tipo seria formado por trabalhos que procuram relacionar o conjunto de uma literatura, um período, um gênero, com as condições sociais. [...] Um segundo tipo poderia ser formado pelos estudos que procuram verificar a medida em que as obras espelham ou representam a sociedade, descrevendo os seus vários aspectos. É a modalidade mais simples e mais comum, consistindo basicamente em estabelecer correlações entre os aspectos reais e os que aparecem no livro. [...] o terceiro é apenas sociologia, e muito mais coerente, consistindo no estudo da relação entre a obra e o público, — isto é, o seu destino, a sua aceitação, a ação recíproca de ambos. [...] Ainda quase exclusivamente dentro da sociologia se situa o quarto tipo, que estuda a posição e a função social do escritor, procurando

relacionar a sua posição com a natureza da sua produção e ambas com a organização da sociedade. [...] Desdobramento do anterior é o quinto tipo, que investiga a função política das obras e dos autores, em geral com intuito ideológico marcado [...] Lembremos, finalmente, um sexto tipo, voltado para a investigação hipotética das origens, seja da literatura em geral, seja de determinados gêneros (CÂNDIDO, 1980, p. 9).

Essa multiplicidade de tipos exemplifica a questão não simplória da relação entre texto, contexto, criador, meio e receptor. Por meio desses tipos, vê-se que a literatura pode ser, em alguns momentos, compreendida como reflexo social, ou mesmo obra que mimetiza uma realidade social em um determinado momento.

A relação de Literatura e Sociedade corresponde à literatura e a representação da realidade social de um povo em determinado espaço e tempo, ainda que, na literatura, os fatos não sejam tal qual a realidade. Logo, cremos que o contexto em que a escola ensina a literatura digital, deva ser por meio de possibilidades digitais expostas aos alunos, trazendo a prática para a escola. Assim, o uso da tecnologia seria o meio utilizado para ensinar a operar e refletir sobre a tecnologia na escola, como que por meio de uma *meta-ação*. Para que melhor venhamos compreender o que seja a literatura digital destacamos aqui algumas características principais dos formatos digitais que são únicas desses formatos. Quanto a isso Manifesto de Literatura Digital diz que:

A Literatura Digital é aquela obra literária feita especialmente para mídias digitais, impossível de ser publicada em papel; busca criar uma nova experiência de leitura para o usuário; requer um novo tipo de texto e de autor; Por literatura entende-se a arte da palavra; portanto, um projeto de literatura digital deve conter texto. Não ser um projeto de literatura digital não é ser melhor ou pior, apenas outra coisa, como video-arte; [...] A Literatura Digital é um novo gênero literário, não substituindo os gêneros da literatura tradicional em papel ou e-book; [...] pode ser multimídia, hipertextual, colaborativa, etc, mas não é necessário que todos os recursos sejam usados simultaneamente; [...] pode ser encarada como uma ferramenta para incentivar a leitura em ambientes digitais. Não queremos que um usuário largue um livro para ler literatura digital, e sim que ele largue por 10 minutos seus joguinhos ou redes sociais e leia um projeto de literatura digital; Livro digital não é livro digitalizado – confundi-los seria o mesmo que filmar uma peça de teatro e chamar isso de cinema; é uma atividade lúdica, mas não é um jogo, pois num jogo o “objetivo principal é antes de mais nada e

principalmente a vitória” (vide Homo Ludens, de Huizinga); (MELLO; SPALDING; KAYNA).

Diante dos pressupostos da literatura digital evidenciados no manifesto, é notável a diferenciação entre as obras impressas e as obras digitais. É perceptível que elas não são concorrentes, mas sim diferentes versões de um material. O objetivo mercadológico do material digital não diminui o valor literário, antes contribui com o processo de leitura de forma diferente da forma impressa. A estrutura estética é diferente, mas o conteúdo é de literatura e deve obedecer igualmente aos padrões de literariedade que o livro impresso. Esses aspectos devem ser conhecidos dos docentes para que compreendam a realidade do livro e da literatura digital na contemporaneidade.

Professor, Literatura Digital o que é e como fazer para apresentá-la aos alunos?

Buscamos aqui elencar algumas das principais formas de apresentar, aos professores, possibilidades de leitura e criação de oportunidades de leitura de literatura digital. A resposta que de início encontramos refere-se à aproximação do contexto tecnológico para o ensino. Frente à ebulição de novas possibilidades de comunicação por meio da internet, utilizá-las é uma importante estratégia.

As redes sociais, como Facebook, Instagram, Twitter, Whatsapp, entre outras, os e-mails, chats, blogs, bem como todas essas possibilidades do meio virtual devem estar sendo utilizadas na escola. Iniciativas como criação de grupos de postagem de poemas, crônicas, concursos literários de minicontos no twitter, criação de blogs em forma de diários juvenis, entre outros meios, todas essas metodologias são possibilidades de trazer o aluno para o centro da literatura infanto-juvenil digital (PASSOS, 2008).

A criação de estratégias de escrita e leitura cotidianas na escola abre oportunidades para trazer, aos alunos, livros, sites, e-books, aplicativos, entre outras alternativas de leitura de literatura infanto-juvenil digital que os familiarizem com essa nova vertente da literatura.

O trabalhar com hipertextos e sua não linearidade nas pesquisas, redes sociais e outras plataformas digitais é também uma forma de possibilitar aos alunos, momentos de relevantes experiências literárias digitais. Esses

momentos podem fazer com que os mesmos estejam cada vez mais atentos à literatura nos suportes digitais. O hipertexto é uma nova maneira de ler, a leitura on-line, sem barreiras de segmentação e possibilidades de caminhos diversos, por meio de estratégias como o *skimming* (1)(AMORIM, 2008). As possibilidades de leitura são outras devido à diferença do suporte, mas literatura continua sendo literatura. Santa (2011, p. 4) postula que:

A literatura em meio digital pode até divergir da impressa em se tratando de possibilidades disponíveis no trato com o texto (falamos aqui das ferramentas que possibilitam manipular o texto ou lê-lo), ainda assim, os elementos comuns que constroem uma ficção permanecem os mesmos.

A composição do texto apresenta como essencialidade a interação e as multiplicidades semióticas típicas do meio digital, mas o texto continua congregando as características literárias que se conhecem.

Sites como o de Ângela Lago (2), Sergio Caparelli (3), Marcelo Spalding (4) trazem bastantes possibilidades de interação com a literatura, leitura de poemas digitais musicados, jogos de criação narrativa, criação de poemas, poemas e narrativas interativas, entre outras oportunidades de interação com a literatura digital.

Apresentamos ainda aplicativos como o Crianças (5), que traz a poesia de Manoel de Barros musicada, e está repleto de múltiplas possibilidades de leitura e escrita. Há, também, sites voltados para o docente e o aluno com muitas indicações de textos e outros sites de leitura de literatura infanto-juvenil digital, como: Literatura Digital (6), Projeto Ler e Brincar da PUCRS (7). E ainda o Instagran (8), do projeto Itaú Cultural *Leia Para Uma Criança*. Esses sites trazem uma nova geração de literatura no meio digital, ela é a hiperliteratura, que, de acordo com Eirão e Cunha (2012, p. 156):

[...] é basicamente um conjunto de obras narrativas explorando as possibilidades da publicação eletrônica. Tais obras, recorrendo à mediação de um elemento novo (a hipermídia, a publicação eletrônica,) dispunham-se a produzir um objeto semiótico original, diferente do objeto livro. Se eventualmente fossem impressas e encadernadas, essas obras perderiam sua identidade e potencialidade, assim como acontece na filmagem de uma peça teatral, ou na fotografia de uma escultura. Transformar em livro uma obra hiperliterária implicaria ignorar sua espacialidade, seus links múltiplos, a não linearidade, a interatividade, a randomização, os recursos multimidiáticos.

A publicação no meio eletrônico traz características de um novo meio, desse modo, surge uma nova gama de suportes que congregam as características do meio digital, suas possibilidades interativas de ampliação das oportunidades de multiplicidade semiótica, e ainda a flexibilidade de formato, entre outras características do meio digital.

A literatura infantil e juvenil digital tem se voltado para a produção diversas possibilidades do novo livro, para exemplificar esses novos formatos destacamos desde os mais simples, citando os pdfs, ePUB, AZW3, PRC, Mobi, HTMLZ, e-books interativos ou não, passando pelos modelos de interação menos veloz que o da Web 3.0, como os de Angela Lago e Sérgio Caparelli, os intermediários como *Tecelina*, de Gláucia de Souza e demais livros aplicativos, até os mais atuais como os aplicativos de leitura e jogos como *Monster vs Robots*, de Leite (2013) até os livros em processo de transmídia como *A menina e o golfinho* (2013), de Anna Claudia Ramos, e outros mais como os livros de realidade aumentada que congregam o eletrônico com o impresso.

Observa-se que o público que mais adere esse tipo de livro é o infantil e por isso a produção tem sido intensificada nesse sentido, pois para esse público, os recursos multimidiáticos e hipermediáticos aparentam são os mais atrativos (KIRCHOF, 2016). O novo livro possui novos modos de construção, estrutura, estética e leitura. Possui novas possibilidades, muitas vezes com outras finalidades, e outras formas de apreciação, mas nenhuma que seja suficiente para desmerecer o livro impresso. Entretanto, diante do novo surgem questionamentos quanto ao formato que o antecede, e com o livro impresso frente ao digital não é diferente.

Para além de sua influência sobre a estética das obras impressas, a tecnologia digital também nos leva a questionar sobre a necessidade e a continuidade dos suportes impressos para a leitura. Utilizando diferentes programas computacionais, é possível produzir textos para serem lidos exclusivamente nas telas, os quais frequentemente mesclam recursos de hipertexto e multimídia (KIRCHOF, 2016, p. 110).

Os recursos digitais são amplos, possuindo variadas novas possibilidades interacionais, ou ainda sua capacidade de possibilitar o desenvolvimento de uma cognição mais ampla dos meios. Todavia, essas características não

colocam o livro digital em um pedestal que venha excluir ou diminuir os demais formatos.

Os professores além de utilizarem as mídias em sala de aula, podem conduzir os alunos a sites de leitura de literatura digital, podem ensinar aos alunos como participar do processo de digitalização das informações e produção de conhecimento no meio digital, podem instruir os alunos a participarem do processo de escrita, podem criar oportunidades de letramento literário digital em forma de minicursos escolares de literatura digital, e ainda promover debates, discussões, mesas redondas com professores e alunos, sobre essa temática. Essas atitudes podem ser guiadas por pesquisas vigentes nas universidades.

O acesso a essas pesquisas se dará se os professores buscarem nos departamentos de letras das universidades públicas, pessoas que possam contribuir com suas propostas de inserção dos alunos em um contexto de leitura de literatura infantil e juvenil digital. Como exemplo os professores responsáveis por importantes grupos de pesquisa de literatura infantil e juvenil digital espalhados pelo país, a saber: Dr. Diógenes Buenos Aires de Carvalho (UESPI), Dr. Edgar Roberto Kirchof (ULBRA), Dr. Emanuel Cesar Pires de Assis (UEMA), Dr. Antonio Carlos dos Santos Xavier (UFPE), Dra. Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira (FCL - UNESP), Dra. Cláudia Grijó Vilarouca (UFPA), Dr. Alckmar Luiz dos Santos (UFSC), Dr. Miguel Rettenmaier da Silva (UPF), Dra. Tania Mariza Kuchenbecker Rösing (UPF), Dra. Berta Lúcia Tagliari Feba (FAPEPE), Dra. Carla Viana Coscarelli (UFMG), Dra. Alice Aurea Penteadó Martha (UEM), entre tantos professores que podem ajudar, tanto instruindo o professor que lhes pedir, isso de forma particular, ou mesmo de forma geral, por meio de suas pesquisas que são esclarecedoras quanto à temática abordada.

Ao olharmos para tantas possibilidades gratuitas de acesso à leitura de literatura digital, imaginamos que ela esteja acessível a todos, mas ainda assim não podemos dizer que ela seja uma efetividade nas escolas. Sabemos que o aparelhamento digital, tal como está, não é o esperado, mas é possível dar, aos alunos, vislumbres do que seja essa literatura e apontar caminhos para que eles trilhem em seus smartphones e nos pontos de acesso à internet que possuem além da escola. Nesse sentido:

Inicialmente, é preciso considerar um pressuposto do trabalho. Ensinar a ler literatura – e, da perspectiva do professor de literatura, a escola deve fazer isso – passa pela educação do

gosto. O espontâneo, socialmente falando, não precisa ser cultivado na escola. Acreditar que se transmite o gosto pela literatura deixando os alunos lerem livremente é conveniente para quem já é leitor e não tem obrigação de formar outros leitores. Para o professor de literatura essa concepção é insuficiente, pois ele aposta que na escola seja possível aperfeiçoar o ser humano, formá-lo para a vida (ANTUNES, 2008, 149).

Frente à discussão fomentada acreditamos que o docente tem fundamental importância na formação de um leitor e nas experiências de leituras de seus alunos. Dessa forma professor deve estar consciente de que os apontamentos de livros, sites e experiências que ele possibilitar ou indicar aos seus alunos, no meio impresso ou digital, serão os que formarão esses leitores. Cabe sim ao docente de linguagem, português, literatura, e aos demais professores que leem, a tarefa de apontar caminhos de leitura para os alunos.

Para introduzir uma ideia, me utilizo aqui de um diálogo entre o gato e em Alice, na obra *Alice no país das maravilhas* de Lewis Carroll “Para quem não sabe para onde vai, qualquer caminho serve”. Nesse sentido, compreendemos que os alunos precisam saber para onde ir, isso no processo de leitura de literatura. Cabe então, a você “professor”, apontar esse caminho. Para tanto, é preciso o docente entender que a literatura digital se propagou com maior intensidade na segunda geração de internet, a considerada WEB 2.0, isso devido seu caráter interativo. A discussão de Irineu (2013, p. 41) nos orienta assim:

WEB 2.0 refere-se à segunda geração de comunidades e serviços da internet, sendo este espaço virtual visto como plataforma de aplicativos, a exemplo dos sites e das redes sociais. Ambiente de interação e participação que hoje engloba inúmeras linguagens e motivações de uso.

A WEB 2.0 trata-se, pois de um novo momento da produção e recepção de leitura. Nesse sentido, observamos que não é suficiente dizer aos alunos que é importante ler, que os clássicos devem ser lidos, é necessário que o docente esteja consciente do que se produz na contemporaneidade, que leia o que é tendência entre os alunos e que os ajude a refletir sobre o que estão lendo. Considerando as novas produções do meio digital observamos as nomenclaturas que têm surgido a respeito da revolução da escrita causada pela tecnologia, entre elas *cibercultura*, *ciberespaço*, *virtual*, *Web 2.0*, *Web 3.0*,

ciberliteratura, *hipertextos*, entre outros citados no trabalho, uma última nomenclatura de fundamental importância nos chama a atenção.

O docente principalmente, deve sempre ter caminhos de leitura a apontar, livros para indicar, locais de leitura para conduzir os alunos à iniciação de leitura; deve ter em mente bibliotecas públicas, sejam da escola, da cidade ou digitais, para indicar aos alunos. É urgente que os docentes sejam leitores para só assim formar leitores, para isso o professor pode também criar hábitos de leitura digital buscando livros em três sites principais de literatura digital online que são: Livros On-Line, Livros Online Grátis e Livro Online, o professor tem também a possibilidade de baixar livros em *pdf* em mais de vinte sites que disponibilizam obras para serem baixadas de forma gratuita

Os professores mais que em qualquer época necessitam ampliar seus conhecimentos sobre a atualidade para não se perderem frente ao crescente fluxo de possibilidades que tem surgido. Entende-se que a leitura de hoje foi muito modificada quando analisada em paralelo ao percurso histórico do ato de ler, principalmente pelas estratégias, estruturas e suportes que têm sido cada vez mais diversos. Os processos de formação, de estruturação e acesso à leitura e ao livro, de séculos ou mesmo décadas atrás, são em muito divergentes dos de hoje. Logo, é importante compreender a mudança que aconteceu e como ela se configura atualmente na leitura.

As formas de fazer e reproduzir o livro em muito alteraram as formas de recepcioná-lo. Walter Benjamim, ao falar da *Obra de arte na era da reprodutibilidade técnica*, explica que o fator mercadológico é também uma realidade a ser observada quando se trata de arte, nesse caso a literatura deve estar sempre em análise para que se observe qual a objetivação da criação da mesma, me utilizo desse pensamento do autor para fazer essa contextualização, ainda que de forma superficial. Nesse sistema, onde muitas vezes a escrita é parte do processo de leitura, tomando como ponto de partida as obras interativas, tem-se aí um reposicionamento da forma de ler e escrever na atualidade.

Podemos atentar para o fato de que a contemporaneidade reservou avanços sucessivos na internet, e estes viabilizaram muitas possibilidades de novos modos de aproximação do público com a leitura. Com base em pesquisas recentes temos aprendido bastante sobre as muitas influências da internet quanto à leitura, os dados nesse sentido têm sido positivos quanto à forte frequência de leitura na internet, sobre todos os outros modos de leitura.

Assim, consoante Vázquez, Oliveira & Silva (2016, p. 16), foi observado na pesquisa que:

Esses dados corroboram a ideia de que as práticas de leitura sofrem a interferência crescente da internet, suscitando análises sobre o impacto dessas novas interações mediadas pela web sobre as práticas de leitura. As interações e o compartilhamento de opiniões sobre as leituras não mais se restringem ao âmbito das conversas privadas, no ambiente físico, entre familiares, amigos e colegas de trabalho, pois a internet amplia a dimensão pública do ato de ler.

O modo de ler, os suportes, a mediação, o leitor, o livro, todos os aspectos do processo de leitura são alterados quanto ao lugar que a internet tem na atualidade no mundo da leitura. É inegável que a rede possibilita as mais diversas possibilidades de leitura e com ela pode-se associar o mundo da tecnologia que abriu um novo momento de revolução da escrita e leitura.

O meio digital, através dos suportes que possibilitam a rede, corroboram agora para uma alimentação da inteligência coletiva, que não pode ser desconsiderada quando se entende o novo momento de leitura da sociedade. Como exemplo evidente a ser citado existe a leitura compartilhada dos grandes sucessos de best-sellers contemporâneos, pois estes têm trazido essa realidade de uma leitura ativa quem tem vindo à tona, uma leitura que é discutida por milhares de pessoas ao mesmo tempo, e que gera na atualidade diversas ações, movimentos, grandes reuniões e discussões.

Nota-se, pois, que as práticas de leitura são diversas, assim infere-se que foram se alterando e sendo alteradas com o tempo. Muitas foram as revoluções que criaram mudanças nos hábitos dos leitores. Desde os múltiplos suportes que foram surgindo até às mudanças contextuais, todos esses aspectos foram fazendo nascer a leitura do texto impresso, do quadro, da fotografia, do texto eletrônico entre outros.

Assim, entendemos que diversos aspectos que envolvem a leitura sofreram mudanças, como os suportes, as formas de recepcionar dos leitores, os horizontes de expectativa dos mesmos e ainda o processo de leitura também, pois ele depende de seus componentes, a saber: a obra, neste caso, o livro, mas no geral a obra de arte a ser lida. E com essa mudança o docente tem a oportunidade de apresentar aos alunos a literatura de forma que os mesmos não a considerem estranha à sua realidade.

Assim, queremos que os professores entendam que o diálogo entre o literário e a tecnologia tem sido um ponto bastante presente na literatura infanto-juvenil contemporânea, e que essa tendência pode ser percebida por meio de visualização da quantidade significativa de livros de literatura que trazem elementos do meio virtual, além da intensa publicação no próprio meio virtual utilizando a internet.

O livro foi reconfigurado e, segundo Feba (2012, p. 2) “Atualmente, está diante do leitor uma resolução distinta daquela do livro manuscrito ou impresso: é a do texto na tela do computador”. Assim pode-se observar que tem ocorrido um processo de virtualização do livro e a adaptação das letras para o formato digital tem um significativo papel nessa nova geração: propagar a leitura indistintamente e em larga escala com muitas possibilidades.

Os encontros da linguagem literária com a linguagem virtual alteram a constituição dos gêneros literários de diversas formas; seja pelas mudanças gráficas e estilísticas nos textos para seduzir o leitor infanto-juvenil, ou ainda pelo próprio diálogo temático, que assim como o projeto gráfico, tem sido adaptado de forma eficaz ao contexto experiencial desses leitores.

Dentre as alterações que os livros têm sofrido podemos destacar que as mudanças vão desde a configuração da página do livro que recebe em muitas das obras atuais à estrutura imagética, mimetizando a página de internet, como pode ser visto na obra de Luís Dill, *Todos Contra D@nte*. Podemos observar as mudanças ainda no formato editorial, como em *O Colapso dos Bibelôs*, de Índigo, onde o formato visual da página é semelhante às páginas de um blog. A conjugação dessas dimensões tem possibilitado a produção de narrativas e poemas infanto-juvenis que resultam numa ampliação da experiência estética dos leitores em formação.

A literatura infantil, segundo Aguiar (2001, p.16) “[...], são as histórias e os poemas que, ao longo dos tempos, seduzem e cativam a criança, embora às vezes não sejam destinadas a elas. Hoje cria-se literatura para jovens e adolescentes, e é um “negócio financeiramente viável”, a grosso modo falando é “um mar que dá peixe”.

O mercado editorial tem percebido isso e incentivado intensamente a criação de obras de literatura infantil que sejam atrativas visualmente, atuais, e que não sejam no total, estética e contextualmente divergentes da realidade dos leitores.

Destacamos ainda a importância dos professores estarem atualizados quanto às temáticas que têm assumido a centralidade das publicações voltadas para o público infantil e juvenil brasileiro. Nesse sentido Penteado (2010), explana sobre a contemporaneidade da narrativa infanto-juvenil, corroborando com o que aqui é destacado. No que se refere à identidade juvenil e suas fronteiras, a autora aponta por meio de suas análises que as situações limite da narrativa infantil têm sido cada vez mais trazidas à tona em obras que falam da realidade dessa faixa de leitores, temas como: morte, medo, separações, violência, crises de identidade, escolhas, relacionamentos, perdas, afetividade, enfim, diversas temáticas recorrentes a atualidade da literatura infantil e juvenil. Penteado (2010, p.124) ao discutir o conteúdo das narrativas contemporâneas, postula que a narrativa infanto-juvenil tem sido bastante explorada pelo mercado e que as obras:

[...] publicadas recentemente tratam de questões relativas aos sentimentos de personagens adolescentes, em momentos incomuns e fundamentais de sua existência. Relatam a busca do autoconhecimento, empreendida por jovens imersos em emoções e fatos novos, diferentes, por vezes assustadores, mas que acabam por refletir a aprendizagem humana dos protagonistas, que participam gradativamente da ventura da existência.

Tanto as temáticas atuais como o projeto gráfico estético de igual proporção aproximam o leitor desse novo tipo de narrativa. Exemplo de temática e projeto gráfico atraentes ao adolescente é a obra *Nove coisas e-mail que eu odeio em você*, de Márcia Kupstas. Um diálogo entre dois adolescentes por meio de e-mails, sobre o primeiro relacionamento amoroso deles; estão “enamorados”.

Além da adaptação de conteúdo, a literatura infantil e juvenil brasileira contemporânea também tem sofrido o processo de digitalização, assim como num contexto mundial. A digitalização da literatura tem sido em partes estudada pelos impactos causados na literatura impressa, visto serem grandes as indagações a respeito dessa relação de influências. Assim é importante entender o que seja a literatura eletrônica, e as relações com o impresso mediante as pesquisas de outros estudiosos do assunto.

Tentar ver a literatura eletrônica apenas através da lente da obra impressa é, de forma significativa, não vê-la. [...] a literatura eletrônica possa ser entendida como parte integrante da tradição literária, e a introduzir as transformações cruciais que redefinem o que é a literatura. A literatura eletrônica, geralmente considerada excludente da literatura impressa que tenha sido

digitalizada, é, por contraste “nascida no meio digital” um objeto digital de primeira geração criado pelo uso de um computador e (geralmente) lido em uma tela de computador (RAMOS, 2013, p. 20).

Assim sendo, é possível observar que são bem mais complexas as relações que podem ser feitas entre os formatos semióticos de produção e veiculação das atuais obras de literatura. Mas de fato fica clara a individualidade e particularidade da literatura eletrônica em relação a sua produção, nesse sentido a seguinte postulação aborda o tópico citado.

Ao mesmo tempo, e porque a literatura eletrônica é normalmente criada e executada em um contexto de rede e meios de comunicação digital programáveis, ela também é movida por motores da cultura contemporânea, especialmente jogos de computador, filmes, animações, artes digitais, desenho gráfico e cultura visual eletrônica. Nesse sentido a literatura eletrônica é um “monstro esperançoso” (como os geneticistas chamam as mutações adaptativas) composto por partes extraídas de diversas tradições e que nem sempre se posicionam juntas de forma organizada (RAMOS, 2013, p. 21).

A essencialidade da literatura eletrônica está focada no próprio meio eletrônico, desde a sua criação até sua reprodução; ambas possibilidades totalmente pelo digital, sobre este aspecto Hayles (2009, p. 62) afirma “A computação não é periférica nem incidental à literatura eletrônica, mas central para seu desempenho, execução e interpretação.” Fica claramente observável o grau de relação que a literatura eletrônica possui com o meio digital computadorizado. Ainda assim Hayles (2009, p. 61) completa: “Mais do que ser marcada pela digitalidade, a literatura eletrônica é de modo ativo formada pela mesma.” Um caráter notável, um formato novo, com objetivos em parte distintos dos de outrora, porém ainda tradicionais quanto ao objetivo central que é o de veiculação do prazer literário, independente do meio e suporte.

Considerações finais

Como pesquisadores, estamos cientes que um artigo não pode trazer um resumo de toda a discussão sobre o tema, mas pode trazer apontamentos para que o professor tenha cada vez mais conhecimentos e interesse em buscar atualizações sobre a temática. A literatura infanto-juvenil digital tem tantos meandros que em um só trabalho é impossível dissecar o assunto em poucas

páginas. Tratar da história, do percurso da leitura, da literatura, do livro, do leitor, da tecnologia, do acesso à internet, e etc.

Frente a toda exposição de discussões e apontamentos para os professores, principalmente em relação à literatura infanto-juvenil digital, acreditamos que mesmo que de forma sucinta, os docentes tenham noções importantes sobre o tema, e ressaltamos a importância de que eles estejam sempre buscando cada vez mais conhecimentos sobre a temática. De posse das metodologias apontadas e dos exemplos citados ao longo da discussão, os docentes leitores desta pesquisa poderão, ainda que inicialmente, conhecer e vivenciar, além de apresentar a literatura infanto-juvenil digital a seus alunos.

Tendo em vista que os professores têm carência de metodologias sobre a prática docente com literatura digital, esperamos que o presente trabalho cumpra seu objetivo de, ao menos, iniciar os professores sobre o tema da literatura infanto-juvenil digital, munindo-lhes de possibilidades diversificadas para trabalhar com essa literatura na sala de aula de forma acessível e gratuita.

Notas

- (1) Estratégia de leitura online que consiste numa leitura mais geral, “por cima”. Nessa leitura, o leitor está à procura de determinada informação. É uma forma de busca. (HAMMERICH & HARRISON, 2002, p. 41).
- (2) Disponível em: <http://www.angela-lago.net.br/> Multisemiótico Acesso em: 31\10\2017.
- (3) Disponível em: <http://www.capparelli.com.br/> Acesso em: 31\10\2017.
- (4) Disponível em: <http://www.marcelospalding.com/literaturadigital> Acesso em: 31\10\2017.
- (5) Aplicativo grátis que reúne a poesia de Manuel de Barros adaptada para a música e demais interações multissemióticas, pode ser baixado em qualquer smartphone pelo play store.
- (6) Disponível em: <http://literaturadigital.com.br/> Acesso em: 21\10\2017.
- (7) Projeto Criado pela PUCRS sob a coordenação da profª Dra. Vera Teixeira de Aguiar. Disponível em: http://www.pucrs.br/edipucrs/lerbrincar_poesia/lerbrincarpoesia.swf Acesso em: 21\10\2017.
- (8) Acesso pelo Instagran: leiaparaumacrianca

Referências

AGUIAR, V. T. (Coord.). **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

AMORIM, Maria Rosilândia Lopes de. Os mecanismos de leitura em hipertextos eletrônicos. In: LIMA, Maria Auxiliadora; ALVES FILHO, Francisco; CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de. (Orgs.). **Olhos espriados: linguagem e literatura ao sol**. Teresina: Ed. Do Autor. 2008.

ANTUNES, Benedito. Literatura na Escola: disciplina e prazer. In: CECCANTINI, Luís João; PEREIRA, Rony Farto (Orgs.). **Narrativas juvenis: outros modos de ler**. São Paulo: Editora UNESP; Assis, SP: ANEP, 2008.

BURLAMAQUE, Fabiane Verardi; ROSING, Tânia M. K. (org.). **Literatura para crianças e jovens: por um novo pensamento crítico**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2013.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade: estudos da teoria e história literária**. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

CARROL, Lewis. **As aventuras de Alice no país das maravilhas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2002.

EIRÃO, Thiago Gomes; CUNHA, Murilo Bastos da. Disseminação Seletiva da Informação: análise da literatura publicada no período de 1958-2012. **Informação & Sociedade**; João Pessoa Vol. 23, Ed. 1, p. 39-47, jan./abr. 2012.

FEBA, Berta Lúcia Tagliari. Os caminhos do leitor na leitura hipertextual. **Ave Palavra**. Edição Nº Especial. Alto Araguaia – MT, 2012. Acesso em: 03/12/16 Disponível em: <http://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/Esp0812/artigos/feba.pdf>

GARCÍA, Alberto Martos. Os jovens diante das telas: novos conteúdos e novas linguagens para a educação literária. In: RETTENMAIER, Miguel; ROSINHA, Tania (org). **Questões de literatura na tela**. Passo Fundo. Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

GONÇALVES, Josafá Fernandes. **Literatura na era do giga bytes**. São Paulo: Nova Alexandria, 2012.

HAMMERICH, Irene & HARRISON, Claire. **Is reading print diferente than Reading web text?** Developing online content – the principles of writing and editing for the web. USA: Willey, 2002. p.40-42.

HAYLES, Katherine. **Literatura Eletrônica: novos horizontes para o literário**. Trad. Luciana Lhullier e Ricardo Moura Buchweitz. São Paulo: Global, 2009.

IRINEU, Lucineudo Machado. Interculturalidade e redes sociais: identidade cultural e interconexões discursivas. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2013.

KIRCHOF, Edgar Roberto. A literatura infanto-juvenil e o mundo digital. In: BURLAMAQUE, Fabiane Verardi; RETTENMAIER, Miguel. (Orgs.) Novas leituras do mundo: a literatura na ecologia das mídias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. P. 109 – 123.

KIRCHOF, Edgar Roberto. Ensino de Literatura na Era da Cultura Digital: obras digitalizadas e digitais. In: SANTOS, Alckmar Luiz dos; SANTA, Everton Vinícius de; (orgs). Literatura, arte e tecnologia. Tubarão: Ed. Copiart, 2013. p. 11-26.

LEITE, Leonardo. Monsters vs Robots. Plano Nacional de Leitura. Disponível em: <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/bibliotecadigital/index.php?idades=4> Acesso em: 03\08\2017.

LIMA, Luiz Costa. Teoria Literária em suas fontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. V.2.

MIRANDA, Lucas Emanuel Vilarinho. Tecelina, de Gláucia de Souza: Da narrativa impressa à hipermidiática. Monografia. Universidade Estadual do Piauí, Licenciatura plena em Letras/ Português, 2014. 69.f M672t CDD: 469

PASSOS, Rose Mary Furtado Baptista. Diários e blogs juvenis em uma perspectiva foucaultiana. LIMA, Maria Auxiliadora; ALVES FILHO, Francisco; CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de. (Orgs.). Olhos espalhados: linguagem e literatura ao sol. Teresina: Ed. Do Autor. 2008.

PENTEADO MARTHA, Alice Áurea. No olho do Furação: Situações-limite na narrativa juvenil. AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís; MARTHA, Alice Áurea Penteado (orgs.). Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil. São Paulo: Cultura; Assis: ANEP, 2010.

RAMOS, Thiago Corrêa. A literatura brasileira na internet: implicações do digital na narrativa. Recife: O autor, 2013. p.118. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Letras, 2013.

SANTA, Everton Vinicius de. A literatura em meio digital e a crítica literária. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Hipertextus Revista

Digital.n.7, dez. 2011. Disponível em: <http://www.hipertextus.net/> Acesso em: 08\12\2016.

SANTAELLA, Lucia. Navegar no ciberespaço: o perfil do leitor imersivo. São Paulo: Paullus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOUZA, Gláucia de. Tecelina. [Recurso Eletrônico]. Coord. Vera Teixeira de Aguiar. Ilustr. Cristina Biazetto – Dados Eletrônicos – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. Disponível em: http://www.pucrs.br/edipucrs/lerbrincar_narrativa/lerbrincar_narrativa.swf Acesso em 19\01\2018.

VÁZQUEZ, Raquel Bello; OLIVEIRA, Rejane Pivetta de Oliveira; SILVA, Sandra Mariza de Almeida. Machado de Assis, os leitores contemporâneos e a crítica acadêmica: interpretações à luz do software Iramuteq. In: BURLAMAQUE, Fabiane Verardi; RETTENMAIER, Miguel. (Orgs.) Novas leituras do mundo: a literatura na ecologia das mídias. – 1. ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

Recebido em 31/10/2017

Aprovado em 16/04/2018